

Tendo como tema a Sustentabilidade nas Autogestões, o evento reuniu os principais nomes da saúde suplementar, além de palestrantes internacionais em Florianópolis

Transformar a saúde suplementar em provedora de saúde e não apenas em um sistema que olha para doenças para gerar valor para os beneficiários e, além disso, permitir que o sistema seja sustentável, compartilhando riscos e tendo o cuidando como propósito. Esse foi o resumo das discussões realizadas no 25º Congresso Internacional UNIDAS - União Nacional das Instituições de Autogestão em Saúde, que teve como tema “Os desafios para a sustentabilidade das autogestões”.

O evento reuniu mais de 1.100 pessoas no Centro de Convenções CentroSul, em Florianópolis, entre os dias 16 e 18 de novembro e mais mil congressistas puderam acompanhar as discussões de maneira virtual. Esta edição do Congresso contou com a participação de 87 patrocinadores, incluindo 9 startups, 2 apoiadores e 38 expositores, além 65 palestrantes em 30 mesas temáticas

“A Saúde, como um todo, vive um momento crucial. Tivemos mudanças legislativas, feitas à toque de caixa, sem critérios técnicos, que colocam em risco o sistema, tornando-o cada vez mais restrito e desigual. Precisamos nos unir e trocar informações para alcançar a sustentabilidade com inclusão na saúde suplementar”, destacou o presidente da UNIDAS, Anderson Mendes. “Esse é o maior congresso que já fizemos. Tivemos o engajamento e a participação massiva e representativa das nossas filiadas. Foi fundamental essa união nesse momento desafiador e sensível para o setor”, complementa Anderson.

Panorama do setor e o futuro - No primeiro dia do evento, além de palestras técnicas sobre gestão hospitalar e de temas ligados à saúde dos pacientes, houve a conferência de abertura, que se propôs a discutir o setor de Saúde no Brasil nos últimos 20 anos e o que esperar para as próximas décadas. Nesse debate inicial, Angélica Carvalho, diretora-adjunta de desenvolvimento setorial da ANS, disse que a judicialização do setor e as decisões parlamentares sem critérios técnicos mais profundos tem trazido reflexos negativos para todas as partes envolvidas. “A pouca discussão em torno do fim do rol taxativo, por exemplo, colocou em xeque todo o sistema porque o impacto na saúde suplementar reverbera diretamente na saúde como um todo. Não há como a gente desvincular isso, nós estamos juntos neste processo”.

Já Mirócles de Campos Veras, presidente da CMB (Confederação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos), iniciou suas considerações lembrando a importância dos hospitais filantrópicos para todo o SUS (Sistema Único de Saúde). “Somos o atendimento público na área hospitalar, nós financiamos a saúde pública, sendo que é um dever do Estado”, relatou. “Consequentemente, passamos por um sub-financiamento que paga no máximo 60% dos gastos, fazendo com que nossas instituições cheguem a um endividamento de quase R\$ 10 bilhões”.

Para Omar Abujamara Júnior, presidente da Unimed Brasil, um dos acontecimentos positivos nas últimas décadas foi a criação da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), que foi criada com a missão de regulamentar o setor. Outro ponto analisado pelo dirigente refere-se à transição demográfica do país, com o envelhecimento da população, a diminuição da renda familiar e a crise fiscal no Estado. “Nós temos um grande desafio de equilibrar tudo isso para que a gente possa superar essas dificuldades apresentadas”, resumiu.

Renato Casarotti, presidente da Abramge (Associação Brasileira de Planos de Saúde), definiu o cenário atual como turbulento, gerando uma crise de acesso dos beneficiários. “De um lado temos o aumento crescente dos custos e, do outro lado, uma capacidade extremamente limitada para nossos clientes e consumidores arcar com esse crescimento.”

Renato projetou dois panoramas: com as operadoras ajustando os valores de acordo com o aumento das despesas, gerando exclusão dos usuários pela incapacidade de pagamento, ou aplicando a regulação com os reajustes e um possível congelamento dos preços, quebrando as

operadoras e inviabilizando o acesso aos planos de saúde.

Para Vera Valente, diretora executiva da FENASAÚDE (Federação Nacional de Saúde Suplementar), o fato mais marcante da história do setor foi a criação do SUS, o maior sistema de inclusão social do mundo. “Tivemos nesses mais de 20 anos a lei que rege a saúde suplementar que a organizou, a criação da agenda que é de extrema importância e tem seu papel desafiado diariamente pelos diversos poderes ao passarem pelas análises técnicas, novas legislações e decisões judiciais”.

“A gente precisa de fato de muito trabalho, muitas propostas disruptivas para manter esse sistema de pé, manter as condições de pagamentos das empresas e das pessoas”, finalizou Anderson ao encerrar o painel de abertura.

Outra atividade que chamou a atenção dos participantes foi a palestra do professor Jamie Newman, presidente de Otimização Hospitalar e Diretor Médico da Mayo Clinic, dos Estados Unidos. Ele destacou a importância da organização para um bom gerenciamento de um hospital e contou que, para isso, é sempre necessário dividir o trabalho em quatro pilares: segurança, qualidade, experiência do paciente e a otimização.

Newman reforçou a questão da organização e dos processos na gestão dos hospitais. “Às vezes, dinheiro é perdido porque não conseguimos achar os recursos no hospital, uma cadeira de rodas, uma maca. E em relação ao paciente, você caminha o hospital inteiro procurando o paciente, então a eficiência hospitalar é muito importante, usando a localização em tempo real.”

Impacto das leis – No segundo dia de Congresso, além das novas tecnologias aplicadas à saúde, um dos principais assuntos debatidos foram os reflexos das novas legislações que regulam o setor. A gerente de Cobertura Assistencial e Incorporação de Tecnologias em Saúde da ANS, Marly D’Almeida Pimentel Correa, disse que o rol taxativo acompanha o avanço tecnológico, proporcionando um ganho efetivo para os beneficiários do plano de saúde. “Não é uma restrição ao direito dos beneficiários, e sim uma garantia. A Lei Federal 9.656 traz essa segurança de contratar um plano regulamentado. É importante que ele seja mantido, preservado, e a intenção da Agência Nacional de Saúde Suplementar é continuar com o procedimento dinâmico”, explicou

Para Hellen Miyamoto, superintendente de Avaliação de Tecnologias em Saúde e Cobertura Assistencial da FENASAÚDE, as novas normas refletem inclusive na aquisição de inovações tecnológicas. “As tecnologias em saúde são um bem para a sociedade. Hoje os ciclos de inovação estão cada vez mais curtos, porém nós temos recursos finitos, que precisam ser bem gerenciados”. Ainda em sua fala, a palestrante ressaltou que é necessário discutir as possíveis consequências além do rol. “Precisamos analisar mecanismos que incluam o preço de incorporações das tecnologias”, completou.

Usos da tecnologia – No último dia de evento, a tecnologia norteou as discussões. Com base neste assunto, André Miceli, CEO e editor chefe da MIT Technology Review Brasil, falou sobre as novidades proporcionadas com a chegada do 5G no Brasil. “É uma tecnologia que tem como principais características a latência e uma performance quase 100 vezes maior que as anteriores”. Já Teresa Sacchetta, médica e especialista em transformação digital na saúde, foi enfática ao questionar sobre a interoperabilidade na saúde “Por que não avançamos no agendamento de exames e consultas de forma digital?”. Para ela, o cuidado feito pelo ser humano jamais será substituído, mas há uma grande parte do serviço que pode ser digitalizado. “Todos os demais setores fazem isso, pois esse processo traz rapidez e eficiência”, concluiu.

Luciane Infanti, head of strategy and operations services Latin America South/ EY-Parthenon, iniciou a sua análise falando sobre o Open Health, modelo aberto de compartilhamento de dados de saúde. “Ele traz uma incorporação, começando pelas informações transacionais e, a partir dela, é possível criar uma capacidade de integração”. Para Jorge de Carvalho, head da Semantix Health, a inteligência artificial agrega qualidade e segurança nos procedimentos. “Podemos imaginar a expansão do serviço com cirurgias remotas. Se tenho mais cobertura com a chegada do 5G, o Brasil inteiro estará coberto e questões que eram então barreiras vão deixar de ser”. Ele também

Legismap Roncarati

Compartilhamento de informações, inovação em gestão e atenção primária à saúde são os destaques do 25º Congresso Internacional UNIDAS

ressaltou que é possível manter o paciente no centro do atendimento de forma responsável e tecnológica. “Hoje o problema é cultural. A questão a ser tratada é social para que possamos trabalhar com dados de forma correta, transparente e ética”.

Fonte: UNIDAS, em 24.11.2022